

FH debate direitos humanos com militantes de dez ONGs

■ Presidente diz que fez muito, mas justiça no Brasil depende de mudanças institucionais

ANY BOURRIER
Correspondente

PARIS — O respeito dos direitos humanos no Brasil foi o tema predominante do primeiro dia da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à França. A cobrança das organizações não-governamentais (ONGs) francesas que defendem os direitos dos sem-terra, menores abandonados e índios dividiu-se em dois tempos: o primeiro foi a manifestação pacífica organizada por 17 associações na esquina da Avenida Champs Elysées com a Rue de Berri, a 200 metros do consulado brasileiro, e a segunda, a audiência que Fernando Henrique concedeu no Palácio Margny, onde está hospedado, a representantes de dez ONGs.

“Um punhado de esterco misturado com terra”, disse Jean Baptiste Eyraud, da Droit au Logement, a associação que liderava a manifestação, ao revelar o conteúdo dos envelopes que serão enviados ao Palácio do Planalto pelas ONGs francesas.

Tensão — Cerca de 200 pessoas participaram da passeata, que atraiu curiosos quando chegou um caminhão cheio de terra e esterco, jogados na calçada, obrigando a polícia a intervir. A presença policial aumentou a tensão mas, a pedido do monsenhor Gaillot, bispo de Rouen que lidera a ONG Partenia 2000, os ânimos se acalmaram.

“Justiça no Brasil”, “Fernando Henrique não é um democrata” e “Terra para os sem-terra” foram as críticas e reivindicações mais repetidas durante a manifestação, que durou cerca de uma hora e foi interrompida pela chuva. Os organizadores vão prosseguir o movimento lançando hoje uma campanha nacional, principalmente junto aos movimentos de camponeses, para que comprem o envelope por dez francos (dois dólares) com terra e esterco e o enviem para Brasília. Segundo monsenhor Gaillot, um dos mais ativos participantes, “hoje a luta contra a miséria não tem mais fronteiras. Aqui também temos gente que ficou na beira da estrada. Julgo que a única maneira de lutar contra a justiça é darmos a mão uns aos outros”.

Às 16h, Fernando Henrique recebeu representantes da Federação Internacional dos Direitos Humanos, Anistia Internacional, Survival, Option Brésil, Solidariedade France-Brésil, Associação dos Juristas Democratas, Cimade, Associação Cristã Contra Tortura, entre outras. O encontro, realizado na sala dos atos do palácio, durou uma hora. Fernando Henrique começou com um pedido: “Façam perguntas honestas, às quais darei respostas diretas”.

O presidente reconheceu que “há problemas na área dos direitos humanos no Brasil”, mas acrescentou que “é possível mas é

preciso ser honesto na crítica, ter rigor intelectual e ser honesto”. A questão da impunidade foi levantada por Patrick Baudoin, presidente da Federação Internacional dos Direitos Humanos. Ele lembrou que “o funcionamento correto de um estado de direito exige sempre que a justiça puna os crimes”. Fernando Henrique concordou, mas disse que “no Brasil o funcionamento do sistema judicial é complexo, pois os julgamentos dependem da Justiça regional e local”.

“A Polícia Militar”, continuou o presidente, “também depende dos governos dos estados. Temos um projeto de mudar esta situação, mas é preciso primeiro fazer uma reforma constitucional para que a União tenha mais poder, sobretudo no que se refere aos direitos humanos”. O presidente citou o Programa Nacional dos Direitos Humanos enviado ao Congresso, ressaltando “que, se for aprovado, dará ao presidente da República uma atribuição direta para coibir tais crimes”.

Em um momento tenso do diálogo, Fernando Henrique referiu-se “à responsabilidade do exército francês, que torturou militantes da independência da Argélia”. Disse que no Brasil já se fez “muito pelo respeito dos direitos humanos”, mas “é preciso reforçar o estado de direito, modificando as instituições”.

Violência — Respondendo a uma pergunta sobre tortura nas prisões brasileiras, insistiu no fato de que “o Estado federal precisa assumir maior responsabilidade”. Na questão dos menores abandonados, explicou que “o problema são as dificuldades que crianças encontram em casa, onde há muita violência que os obriga a sair para a rua”.

Questionado sobre a situação dos índios, Fernando Henrique disse que eu governo “criou um novo estatuto jurídico que dará segurança às tribos na questão da posse da terra”.

Na questão da reforma agrária, defendeu-se das críticas à demora, argumentando que “para dar terra a 40 mil, 60 mil ou 100 mil pessoas precisa do apoio do Congresso”. Dirigindo-se à representante da Cimade, perguntou: “E aqui na França, se o Parlamento não estiver de acordo, o que vocês fazem?”

Membros de diversas ONGs enviaram ontem carta aberta ao presidente Jacques Chirac, pedindo-lhe que transmita a Fernando Henrique sua preocupação com a evolução política do Brasil, “onde o processo de democratização tem encontrado tantos obstáculos, onde a desigualdade social tende a aumentar e onde reina um clima de violência cuja extensão é difícil de imaginar”. Entre os signatários estão o jurista Henri Leclerc, da Liga dos Direitos Humanos, e Claude Bachrel, do Comitê Católico Contra a Fome.



No encontro com ONGs, Fernando Henrique prometeu diálogo franco

Paris — AP